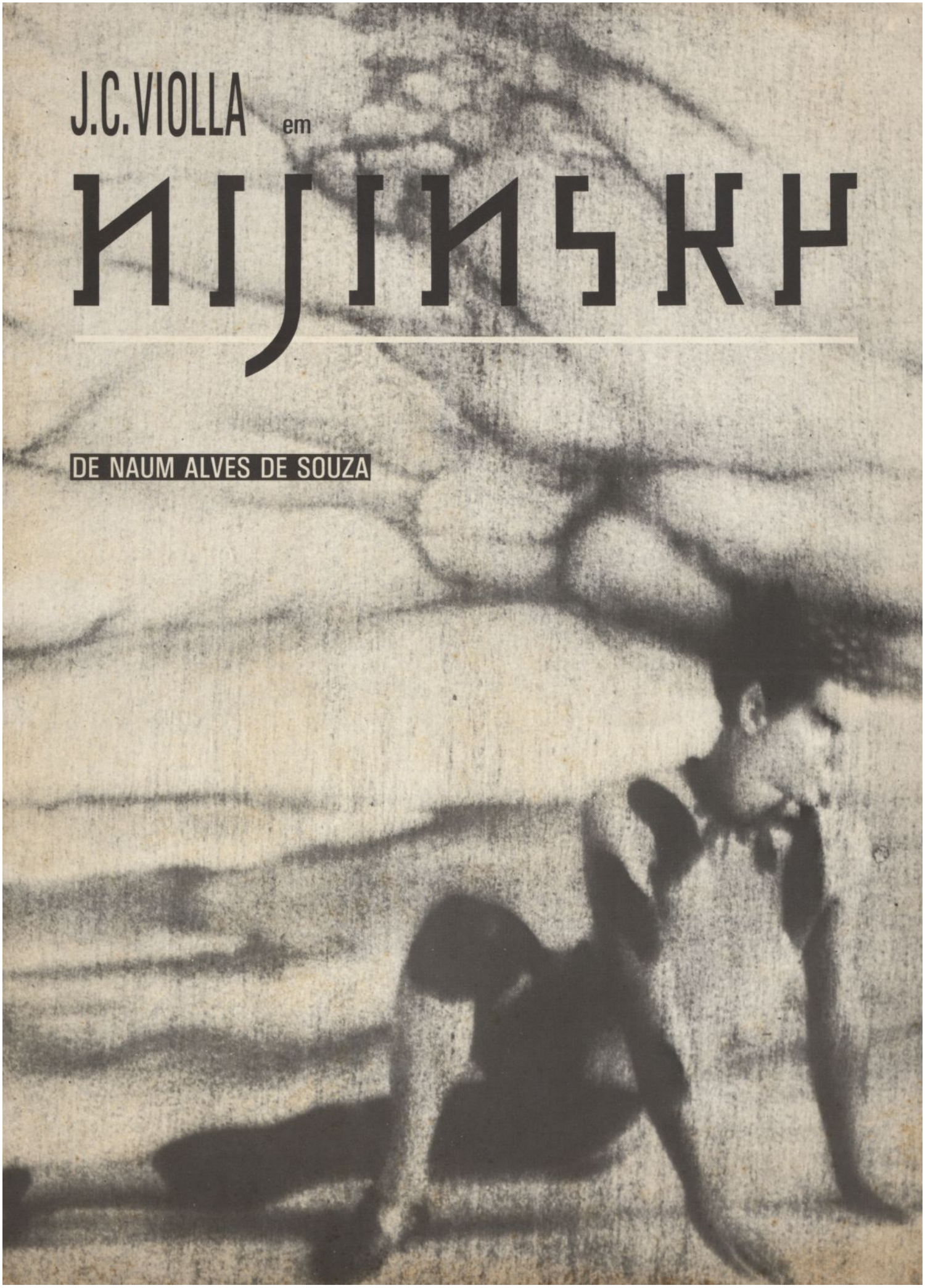
J.C. VIOLLA em

NIJINSKY

DE NAUM ALVES DE SOUZA



NIJINSKY

UMA RESUMIDÍSSIMA BIOGRAFIA

MUITO RESUMIDA MESMO

Naum Alves de Souza

Acho uma indignidade resumir a vida de uma pessoa comum em tão poucas linhas. Fazer isso com a vida de Nijinsky é um verdadeiro pecado. Como disse Richard Buckle, o melhor de seus biógrafos, "Nijinsky passou dez anos crescendo, dez aprendendo, dez brilhando e trinta mergulhado nas trevas da loucura". Uma carreira e uma vida aparentemente curtas.

Foi a minha primeira impressão a respeito desse gênio, de tão curta carreira. Após a leitura de mais ou menos 15 livros a respeito dele e de seus contemporâneos, amigos e inimigos, o excesso de material quase me deixou louco. O personagem Nijinsky, autor de apenas 4 coreografias, revelou-se tão rico e contundente que fiquei em crise um longo tempo até me decidir a escrever. Depois de juntado um vasto material, obviamente fui obrigado a selecionar o essencial do essencial até chegar ao formato que será visto no palco. Quem leu e também se apaixonou por Nijinsky vai sentir falta de fatos e pessoas que lhe ficaram na memória, não há como não acontecer isso. As coisas que tive que cortar foram um problema pois eu não queria me desvencilhar delas, de tal modo me apeguei a essas vidas que giraram em volta dessa pequena e grande criatura que foi Nijinsky. Já me perguntaram muitas vezes o que eu esperava: "Por que Nijinsky?" A única resposta que posso dar, que me parece válida, é que sempre fui e serei um apaixonado por esse artista estranho, fascinante, que nunca falou minha língua, que nasceu lá na Rússia, que só conheço de fotografias (Nijinsky não foi nem sequer filmado).

Filho de pais poloneses, ambos bailarinos, Vaslav Nijinsky nasceu em Kiev a 12 de março de 1888. Só foi batizado dois anos mais tarde. O pai abandonou a família, que ficou na miséria. Mas em 1898 a mãe de Nijinsky levou-o à Escola Imperial de Ballet em São Petesburgo (hoje Leningrado). Foi um aluno genial e, dois anos antes da graduação, já estava pronto para ser primeiro-bailarino.

Nijinsky preferiu completar o curso e então entrou para o elenco do Mariinsky, o teatro imperial, onde estreou como solista ao lado das primeiras bailarinas Mathilde Tchessinskaya (ex-amante do czar, depois amante do grão-duque), Tamara Karsavina e Ana Pavlova (que sempre se sentiu ameaçada pela fama de Nijinsky).

Nessa época Nijinsky namorou um príncipe, depois um conde e, por fim, foi apresentado ao grande incentivador das artes Sergei Pavlovitch Diaghilev, com quem viveu e trabalhou de 1909 a 1913. Nesse ano, Nijinsky inesperadamente se casou com a aristocrata (mais ou menos) Romola de Pulsky, que o perseguia há um bom tempo.

O rompimento da dupla Nijinsky/Diaghilev teve conseqüências ruins para ambos. Veio a Primeira Guerra Mundial, flagrando o casal Nijinsky em Budapest, na casa da tinhosíssima mãe de Romola, Emília Markus (qualificada de "primeira atriz trágica da Hungria"), que infernizou a vida dos dois. Nessa época nasceu Kyra, a primeira filha. Nos dois anos seguintes, os últimos da guerra, libertado graças a um esforço internacional, o casal voltou ao trabalho com Diaghilev, mas foi um período tumultuado.

Em 1919 Nijinsky começou a mostrar os primeiros sintomas de uma esquizofrenia que iria acabar com sua carreira e praticamente com sua vida. Com grandes esforços Romola cuidou de Nijinsky até sua morte, em 1950, depois de ambos terem experimentado novamente grandes apuros na Segunda Guerra, quando Nijinsky escapou por pouco de ser exterminado pelos programas de Hitler.

Na celebrada vida artística de Nijinsky seus grandes papéis foram sobretudo nas coreografias *Carnaval, Scheerazade, Petruchka* e *O Espectro da Rosa*. Mas, tendo sido também excelente coreógrafo, marcou seu tempo com peças de autoria própria como *L'Après Midi d'un Faune, Jeux, A Sagração da Primavera* e *Till Eulenspiegel*.

Nijinsky acreditava na força e na utilidade da arte para o bem da humanidade. Eu também acredito, apesar de viver num país tão calhorda, tão embusteiro, tão decepcionante, que continua governado por pessoas estúpidas, mal intencionadas, feias de alma e aparência, e que tem como figura central um homem da Academia de Letras, que tem quase a mesma mecha branca de Diaghileff (um homem que realmente agitou e amou as artes).

Este projeto, um velho sonho do VIOLLA, tornou-se realidade graças aos esforços e às economias (suadas, às custas de aulas de dança) do mesmo.

Apôio da Lei Sarney? Quá, quá, quá! Que lei é essa? Um dia eu fui convidado para ser debatedor num suntuoso Sim-

pósio a propósito dessa tal lei. Cilada total! A primeira coisa que os artistas constataram foi que quem sabia das coisas e já estava prá lá de prevenida era mesmo a TV Globo. Depois foi um buffet, com fila e tudo, bandejão de luxo, graças às presenças ilustres ali reunidas, não pela alta qualidade da comida, apenas média. Durante o tal almoço ouvimos falar que esperto foi quem adoçou o iogurte, que passou a vender muito mais. Todos os artistas ali presentes entenderam que iogurte doce e censura à obra de arte significavam mais ou menos a mesma coisa. Os publicitários presentes, ligados ao time oposto dos artistas, discordaram destes últimos, chamando-os de idiotas. Eu era do time dos idiotas, aproveito para dizer de passagem. Na terceira etapa, depois do cafezinho, os debatedores de teatro se reuniram para falar dos problemas financeiros de uma produção. Uns e outros falaram, falou-se de novo no iogurte/sabor censura, mais uma vez para desgosto dos publicitários e prováveis investidores. Quando chegou a minha vez eu descrevi como se fazia uma produção teatral numa pequena companhia: junta-se um bando de gente com um ideal, sem nenhum dinheiro, pedem-se coisas aqui e ali, cava-se um pequeno patrocínio para publicidade (quando se consegue), ninguém ganha nada no tempo de ensaios e alguma coisa depois da estréia (se a peça render). Se render bem ganha-se razoavelmente bem (depois de ser paga a produção que provavelmente estreou cheia de dívidas). Contei isso de maneira natural, nada dramática, pois só sei falar de coisas amenas (sou gemininiano e está escrito em todos os tratados de astrologia que o signo abriga somente pessoas superficiais). Para meu espanto, uma espécie de fúria se instalou no recinto. Um moço barbudo, de aparência desagradável, tipão cafajeste de camisa de seda estampada, peito desabotoado e correntão, produtor de não sei o que, pois nunca o vi mais gordo embora tivesse me cumprimentado com familiaridade alguns momentos antes de começar a chatice, ficou bravo, muito bravo com o que eu tinha falado. Parecia que eu tinha contado seus segredos íntimos, doídos, em público. A ele se juntaram outras vozes e mentes que partilhavam da mesma fúria. Até uma japonesa cafona, gorda e baixota, que dormia, acordou para discordar de mim. Era como um bando de gente sem calça que não queria que ninguém comentasse que estavam como estavam. Não entendi a princípio. Logo depois, sim. Não era para eu contar em público que as artes, sem apoio, ou passavam enormes e vergonhosas dificuldades ou simplesmente abortavam prematuramente. Vejam só! Não era para eu contar em público que as artes precisam de patrocínios! Tentaram fazer a minha cabeça de que era feio e contraproducente lavar a roupa suja em público. Se isso fosse realmente roupa suja!... Para terminar: fui grosso com uns e outros, não me arrependo, quero distância desse uns e desses outros e que não me venha o Papa falar em conciliação ou cessar de hostilidades! Eta gente besta! Essa gente some na História mas os artistas continuam! Podes crer!

O ELENCO DE NIJINSKY

Pela primeira vez faço um trabalho com um mínimo de pessoas que já conhecia anteriormente. **J. C. Violla** trabalhou em todas as minhas peças, de Maratona a Nijinsky e eu trabalhei em todos os balés dele. No momento é meu patrão. **Celso Frateschi** eu só conhecia de longe, ele no palco, eu na platéia. Quando o vi em *Órfãos,* no TBC, gostei tanto que fui cumprimentá-lo e falei da possibilidade de um dia virmos a trabalhar juntos, mas não sabia que seria em Nijinsky, no papel de Diaghileff, com mecha branca e tudo. **Mariana Muniz**, a Rômola de Pulsky, obstinada, tinhosa, maternal, grande mulher, eu só conhecia de fama, mas de tão boa fama que pedi para conhecê-la pessoalmente. Foi um papinho rápido que me fez ter certeza de que era ela mesmo que eu procurava. Procurando Emília Markus (mãe de Rômola) e Isadora Duncan, pensei imediatamente em Ruth Rachou, grande bailarina, grande professora, mulher bonita e talentosa. Ruth não parou no meio do caminho, como tantas outras. Um grande amigo e companheiro de outras peças minhas, *Roberto Arduim* (que representou A Aurora da Minha Vida durante quase 4 anos, num total de 800 e tantas vezes!) veio em meu socorro, fazendo Stravinsky, o Barão Gunzburg e o Jovem Diretor de Vanguarda (ele só pediu esse papel mas eu insisti em que fizesse também os outros), além de me assistir nos figurinos e na cenografia. Daí a gente precisava de uma bailarina de formação clássica, que fosse boa atri
boa gente e bonita. **Beatriz Cardoso**, que já havia dançad
com o Ballet Stagium e com o Ballet da Cidade (de onc
éramos velhos conhecidos) preencheu todos os meus ex
gentes requisitos. Eu precisava de um rosto jovem, juven
que não fosse conhecido, para fazer o papel de Serge Lifa
o bailarino russo idolatrado na França, que, mesmo não tenc
visto Nijinsky dançar e tendo sofrido com as patadas de Br
nislava Nijinska, que não admitia ninguém para ocupar o tr
no vago do irmão, amou o mito e dele cuidou nos tempo
de doença e por ele se interessou até à morte. Esse pap
foi dado a alguém que foi meu aluno aos seis anos de id
de, portanto, há vinte anos, **Guga Stroeter**, hoje um mús
co instrumentista dos bons, (do conjunto Sossega Leão)
um ator de muita sensibilidade. Por fim, vindo nos salvar.
pânico causado pela repentina saída de um ator, aparece
apresentando por Arduin, Celso e pela gênia e fada **Myria**
Muniz, o simpático **Roberto Ippolito**, já escolado por Sa
ta Joana, para fazer Fokine, o grande coreógrafo de Petrouc
ka e outras obras-primas.

Meus beijos aos milhares para **Célia Gouvêa**, coreógrafa d
boas, das criativas, das trabalhadeiras, autora de todos
passos e braços de nossos Petruchka (com o Grupo do Viol
e Nijinsky; para **Helio Ziskind** e **Paulo Tatit**, que fizeram,
fizeram e compuseram a linda trilha sonora de Nijinsky; pa
o **Miro**, meu compadre e co-autor do cenário e das lind
fotos (a do poster e as nossas pessoais); para minha am
díssima **Leda Senisese**, que enfeitou meus figurinos co
suas mãos de fada; para o **Guto Lacaz** de quem eu sou
maior fã; para o **Fábio Namatame**, esse danadinho que
culpiu as cabeças dos atores e das atrizes; para minha qu
rida **Mônica Figueiredo** que, entre outras coisas, me co
solou e me divertiu em Portugal; para a velha (porém se
pre nova) amiga **Sylvinha Tinoco,** que conheci dentro de u
Volkswagen junto de 20 pessoas, na década de 60; para
Abel Kopanski, companheiro de outras peças; para a **Cl**
de Queiroz (um amor, gente!), a **Júlia Salomão** (companhe
de batalhas pelas europas), a **Mônica Magalhães** (que ca
do céu, enviada pela arcanja Myrian Muniz), o **Carlos Sl**
ger (o aluno mais talentoso que eu já tive) e sua **Cláud**
para a **Alice** (a rainha das costureiras teatrais), para o **Wi**
Biondani, o **Arnaldo Pappalardo**, a **Zina F. Calmanovici**
Paulo Calux, o **Celso Luiz Rocche**, o **Ayrton Franco**, a **I**
na Rodrigues (a fadinha carinhosa de Fiorucci) e todos
volvidos nesta produção.

Beijos extras ao Ladislau Brett (da Vila Romana), a Glorin
Kalil (da Fiorucci) e ao meu irmão Natanael (da Meias Aç
que colaboraram com valiosos presentes sem nenhum
teresse na tal da lei Sarney.

Milhões de beijos aos atores de NIJINSKY. Gosto dos me
atores. Gosto de atores. Gosto dessa gente estranha que g
ta de representar.

Uma dedicação especial: À MYRIAM MUNIZ. Ela sabe
que.

DELE

"Certa manhã eu cheguei ao teatro mais cedo do que costumava. Os meninos estavam no fim de sua aula de dança. Olhei de relance e não pude acreditar no que meus olhos viam: um dos meninos saltava tão mais alto, tão acima das cabeças dos outros, que parecia ficar parado no ar." (Tamara Karsavina, primeira-bailarina do Teatro Mariinsky e dos Ballets Russos)

•

"Nijinsky não gostava que ninguém recebesse aplausos enquanto dançava, a não ser que fosse ele o aplaudido". (Tchessinskaya, primeira-bailarina do Teatro Mariinky e dos Ballets Russos)

•

"A vida de Nijinsky pode ser resumida de maneira simples: dez anos crescendo, dez anos aprendendo, dez anos dançando; e trinta anos em eclipse." (Richard Buckle, o melhor dos biógrafos de Nijinsky)

•

"Je suis le spectre d'une rose/Que tu portais au bal."(Versos de um poema de Théophile Gautier que inspirou a coreografia **O Espectro da Rosa**, o maior sucesso da carreira de Nijinsky como bailarino)

•

"Nijinsky salta através da janela e desaparece. Esse salto é tão comovente, tão alto, que desafia as leis da gravidade. Toda vez que eu sentir o perfume de uma rosa vou me lembrar da inesquecível impressão causada por esse espectro." (Jean Cocteau, a respeito de **O Espectro da Rosa**)

•

"Nijinsky deu vida ao tristonho e trágico boneco (**Petruchka**) sem usar nenhum desses modernos produtos de maquiagem. Ele criou o papel de uma maneira tão extraordinária que de certa maneira pode ser chamado de seu autor. Uma vez dentro da pele de **Petruchka**, Nijinsky era capaz de expressar a inexpressiva natureza do estranho boneco, com seu primitivo mecanismo, e ao mesmo tempo revelar o ser pensante, dilacerado, sacudido pelas emoções." (Alexandre Benois, a respeito de Nijinsky em **Petruchka**)

•

"Eu sinceramente admirava todos seus movimentos, Nijinsky desempenhava seu papel maravilhosamente bem. Eu nunca mais vi um **Petruchka** tão admirável." (Michel Fokine, principal coreógrafo dos Ballets Russos, que após **L'Après Midi d'un Faune** brigou para sempre com Nijinsky)

•

"O que vimos no palco foi um fauno lascivo, de movimentos grosseiros, de uma bestialidade erótica, de gestos rudes e indecentes." (Gaston Calmette, editor do jornal Le Figaro, a respeito de **L'Après Midi d'un Faune**)

•

"Obrigado, Nijinsky, você deu vida aos meus sonhos. Seu fauno é o modelo ideal que nos inspira a desenhar e a esculpir. É tão rica e variada a inteligência de sua arte que chega às raias do gênio." (Auguste Rodin, escultor, a respeito de **L'Après Midi d'un Faune**)

•

"O pobre rapaz não sabia nem ler música nem tocar nenhum instrumento. Suas reações musicais eram manifestadas por frases banais ou repetindo o que dizia sua entourage. Não tendo nunca conseguido saber quais eram sua impressões pessoais eu comecei a duvidar de sua existência." (Igor Stravinsky, compositor, autor de **A Sagração da Primavera**)

"Nijinsky é um artista admirável. Ele é capaz de revolucionar a arte da dança. Não apenas um bailarino maravilhoso, é também capaz de criar alguma coisa de novo. Sua contribuição à **Sagração da Primavera** foi muitíssimo importante." (O mesmo Igor Stravinsky, alguns dias depois da escandalosa estréia de **A Sagração da Primavera**)

•

"Entre os acontecimentos absurdos da temporada eu preciso incluir a montagem de **Jeux**, que deu ao gênio perverso de Nijinsky a oportunidade de se embriagar de uma matemática muito peculiar. O rapaz executa uns passos tríplices, paralisa os pés com as mãos e daí, de repente, ele fica imóvel, em formato de cruz, ouvindo a música tocar. É terrível!" (Claude Debussy, compositor da música de **Jeux**)

•

"Nunca vi nada tão bonito!" (Marcel Proust a respeito de Nijinsky em **Scheerazade**)

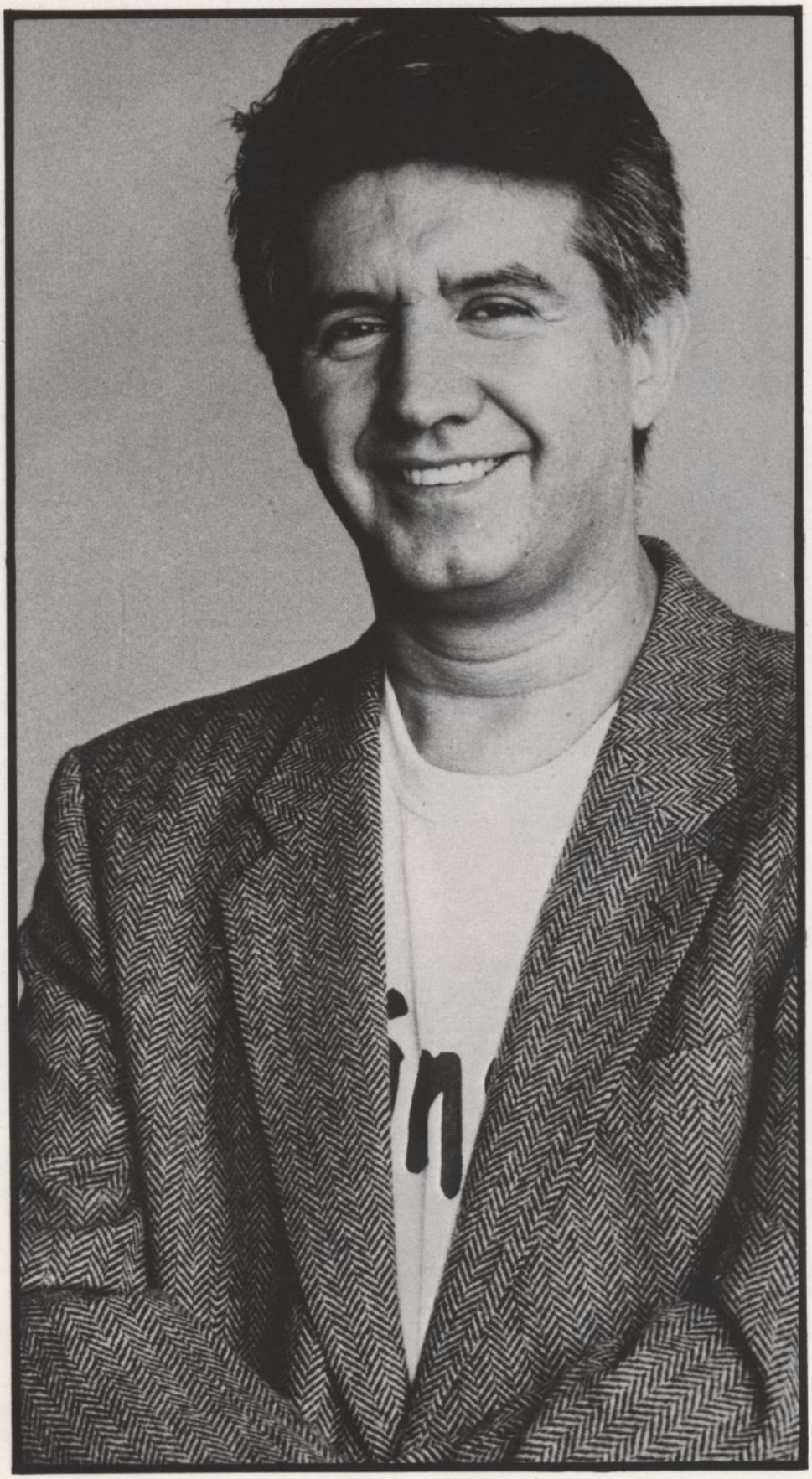
•

"Nijinsky salta como uma fera que estava escondida na escuridão e que subitamente foi pertubada pela luz. Seus movimentos são inesperados como os de um tigre. Nijinsky rodopia de felicidade, dá gritos mudos; seu rosto escuro fica iluminado pelos dentes branquíssimos; sensualmente ele se levanta das almofadas onde sua figura dourada repousava ondulante, como um peixe brilhando ao sol." (Jean Cocteau, a respeito de **Scheerazade**)

POR ELE

Nijinsky escreveu um diário, no início de sua doença, que foi publicado (e, ao que dizem, extremamente censurado) por Romola, que também escreveu uma biografia do marido. Aqui, algumas frases do diário:

- "Eu sou o amor, não a cruedade."
- "Sou um artista que gosta de todas as formas e de toda beleza."
- "Um corcunda pode ser divino."
- "Amo Nijinsky não como Narciso mas como Deus."
- "Sou um bom Deus."
- "Gosto de pessoas velhas mas não de espíritos velhos".
- "Irei a um bordel porque quero entender as prostitutas."
- "Darei dinheiro mas não farei nada com elas".
- "Deus não gosta disso mas Ele quer que eu tente."
- "O médico tem certeza de que há algo de errado comigo".
- "Um crítico francês fez uma crítica muito grosseira a **L'Après Midi d'un Faune**, dizendo que eu era devasso. Quando compus o balé eu não estava pensando em perversidade. Adorei criá-lo."
- "O Fauno sou eu."
- "Aplauso é a expressão de amor que o público sente pelo artista."
- "Amo os aplausos, reconheço seu valor."
- "As pessoas pensam que um homem que escreve bem pode entender a arte da dança, mas não é assim. Eu entendia a arte da dança porque dançava. Svetlov nunca dançou nenhum dos balés sobre os quais escreveu, não sabia o que a dança significava. Eu o chamava de papagaio, não porque se parecesse com um, mas porque nas suas críticas sempre repetia coisas já demasiado conhecidas."
- "Não posso mais dançar como antes porque todas as danças estão mortas."
- "Eu me pareço com Cristo, só que Ele tem um olhar calmo e meus olhos estão agitados."
- Diaghilev é um homem ruim; Diaghilev adora garotos."
- "Diaghilev pensa que é o Deus da Arte."
- "Odiei Diaghilev desde os primeiros dias do nosso relacionamento porque sabia do seu poder."
- "Diaghilev me convidou para ir ao Hotel Europa, onde morava. Não gostei dele por causa de sua voz convencida, mas fui em busca de minha sorte. E encontrei minha sorte. Imediatamente permiti que fizesse amor comigo. Eu tremia como uma folha. Eu o odiava mas fingia, porque, senão, minha mãe e eu morreríamos de fome."
- "Não quero que pensem que Diaghilev é um vilão e que deveria ser aprisionado. Choraria se o magoassem. Não o amo mas é um ser humano. Eu imploro, deixem-no em paz!"
- "Eu tinha 19 anos quando encontrei Diaghilev. Eu o admirava sinceramente. Quando ele me disse que o amor pelas mulheres era uma coisa horrenda eu acreditei nele."
- "Você quer me magoar mas eu não lhe desejo o mesmo. Sou um ser terno e quero lhe escrever uma canção de ninar. Durma em paz, Diaghilev, durma em paz."
- "Romola é o nome da minha mulher. É um nome italiano. Recebeu esse nome de seu pai, um homem que adorava a Renascença italiana."
- "Romola quer ter um filho, uma reencarnação minha. Ela tem medo que eu morra cedo. Ela acha que eu sou louco."
- "Não lhe desejo mal algum, eu a amo."
- "Romola, você não quer me mostrar que me ama. Ama-me, ama-me! Admita o amor!"
- "Sou um palhaço de Deus!"



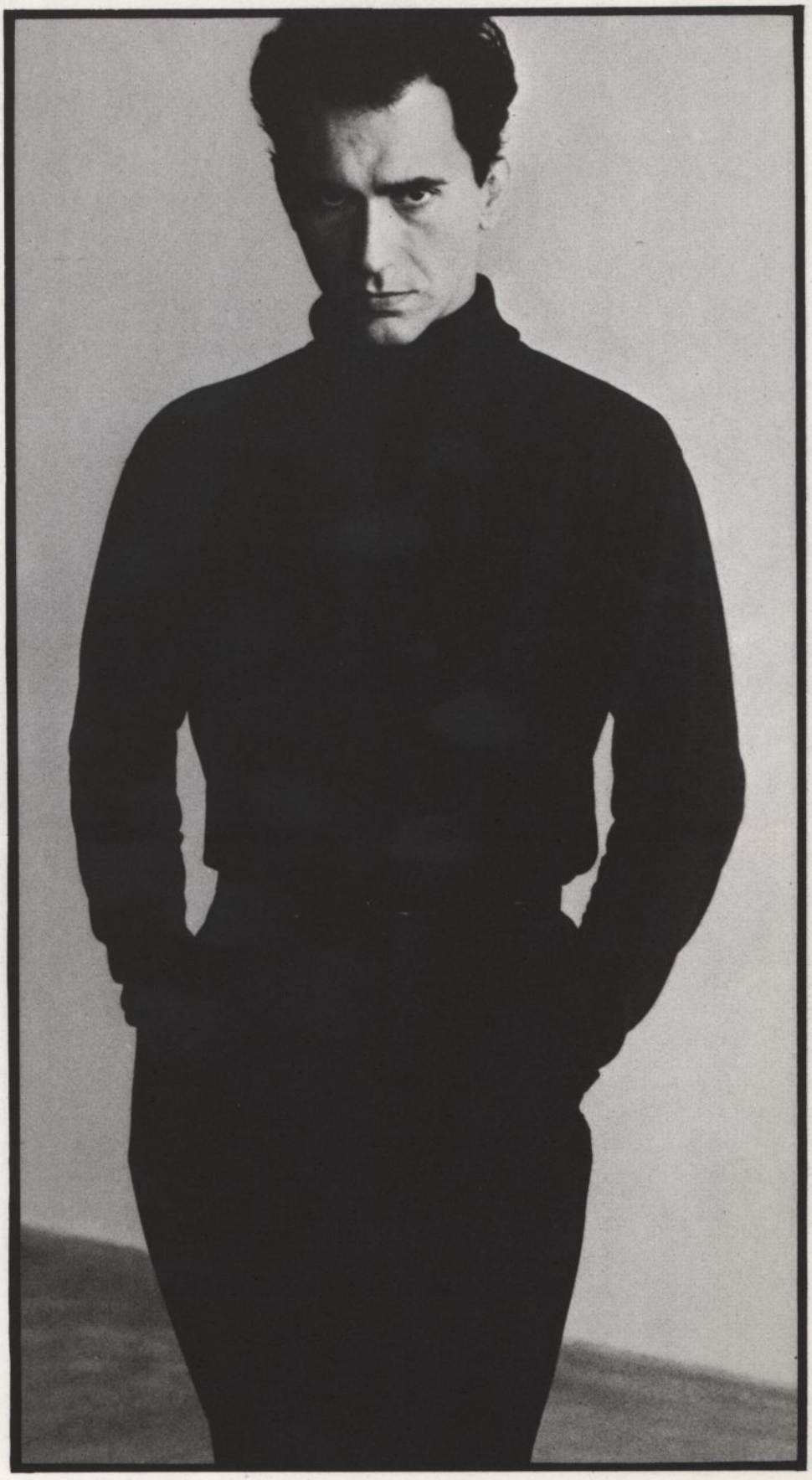
NAUM

Ouvi o nome de Naum Alves de Souza pela primeira vez quando a década de 60 não tinha ainda muita idade.
Eu, recém-saído da adolescência, estimulado por longos anos de prática amadora, considerava seriamente a possibilidade de embrenhar-me mais a fundo pelo teatro. Abandonei o amadorismo e ingressei na Escola de Arte Dramática. Mais ou menos por essa época, e já lá se vão mais de vinte anos, começou-se a falar de algo diferente, misterioso, que ocorria no teatro de São Paulo: um jovem professor de artes plásticas e teatro, vindo de alguma cidade do interior, não se sabia bem qual, liderava um grupo de adolescentes e com eles fazia surpreendentes montagens em sua casa, só para convidados. Não tardou para que amigos comuns me levassem até Naum, na minúscula e mágica construção da Rua Mato Grosso, junto do Cemitério da Consolação, repleta de painéis com visível inspiração de Chagall. Era o espaço que servia de escola, teatro e moradia ao artista. Não tenho memória nítida do primeiro trabalho a que assisti no ateliê de Naum. Mas sei que fiquei desde então rendido ao encanto do criador e do ser humano. A primeira lembrança nítida que tenho de uma montagem de Naum com seu legendário grupo, o Pod Minoga, data da virada dos anos 60/70. O Pod Minoga ainda não estava na sede da Oscar Freire e apresentava-se em casas de amigos.
Foi na de Flávio Gikovate que vi *Hotel San Marino*, deliciosa adaptação do conto de Washington Irving, tratada com irônico e perverso *kitsch*.
Não demorou muito até que o Pod Minoga se instalasse na memorável oficina da Rua Oscar Freire, onde durante boa parte dos anos 70 Naum e seus cúmplices fizeram alguns dos mais significativos trabalhos que se viram aqui. Eram obras livres, inquietas, pesquisando linguagens e soluções anti-convencionais, envoltas no charme do clandestino, já que o ateliê não tinha alvará para funcionar como teatro e nem o grupo possuía qualquer documentação. Foi um privilégio testemunhar, ao longo daqueles anos, o processo de maturação tanto do prolífico mentor do Pod Minoga quanto de sua equipe. Houve até uma "estética Pod Minoga" da qual o visual de Naum para o inesquecível *Falso Brilhante*, de Elis Regina, foi a culminação e o esgotamento. Depois disso Naum passou a caminhar decididamente rumo à carreira solo, que teve em *Maratona* o passo inicial.
Na seqüência dessa obra, onde sarcasmo e ironia fundiam-se a uma suave veia lírica, encadeou-se produção incessante, de que os marcos principais são, claro, *No Natal a Gente Vem te Buscar*, *A Aurora da Minha Vida* e *Um Beijo, Um Abraço, Um Aperto de Mão*. A exuberância inicial de sua invenção como artista plástico (foi ele o desenhista dos bonecos de Vila Sésamo, e em certo momento da década de 70 impôs forte e copiadíssima trilha nas artes plásticas em São Paulo) viu-se cada vez mais restringida. Quer como dramaturgo, quer como programador visual Naum impôs-se severo exercício de contenção. Menos aparato parece ser a meta. Sua atividade desdobrou-se ao longo dos anos numa fonte incessante, responsável por dezenas de encenações, cenografias, roteiros, direções para balé, colaborações eventuais com a televisão, num desempenho múltiplo e multiplamente talentoso. É famoso pela capacidade de descobrir e lançar novos valores. Mas a vitória, o reconhecimento efetivo de sua importância não foi fácil nem rápido. O artista desdobrou-se em paciência, em descomunal perseverança, até que fosse reconhecido como homem de teatro completo, denso, requintado. Muita energia teve que despender para deixar de ser considerado como um estravagante, um cenógrafo que se aventurava pela dramaturgia e a direção.
Alquimista que depura sem cessar seus processos e materiais, Naum Alves de Souza é hoje, talvez, o único inventor que no Brasil sente-se suficientemente à vontade para interferir com mestria nos mais diversos estágios da criação teatral. O seu é um *teatro de autor* e Naum realiza o feito raro de elaborar ou supervisionar cada passo do espetáculo.
É o que se pode ver em *Nijinsky*, onde a vida do lendário bailarino russo suscitou um texto que extrapola a biografia, enveredando por fascinante reflexão ao redor dessa matéria crua e pungente: a relação do artista com a arte. O mago Naum decantou mais um momento de pura poesia.

Alberto Guzik

Sylvinha:
Passei duas linhas das 25. Não sei se pode. Você me diz depois? E outra coisa: diga ao Naum que se ele não gostar, posso tentar um outro, enfocando outros aspectos. Nenhum problema MESMO.
J.C. Violla dá assunto para, pelo menos, umas 10 maneiras diferentes de dizer a coisa mais simples: ele é bárbaro.

Beijinho da
Helena Katz

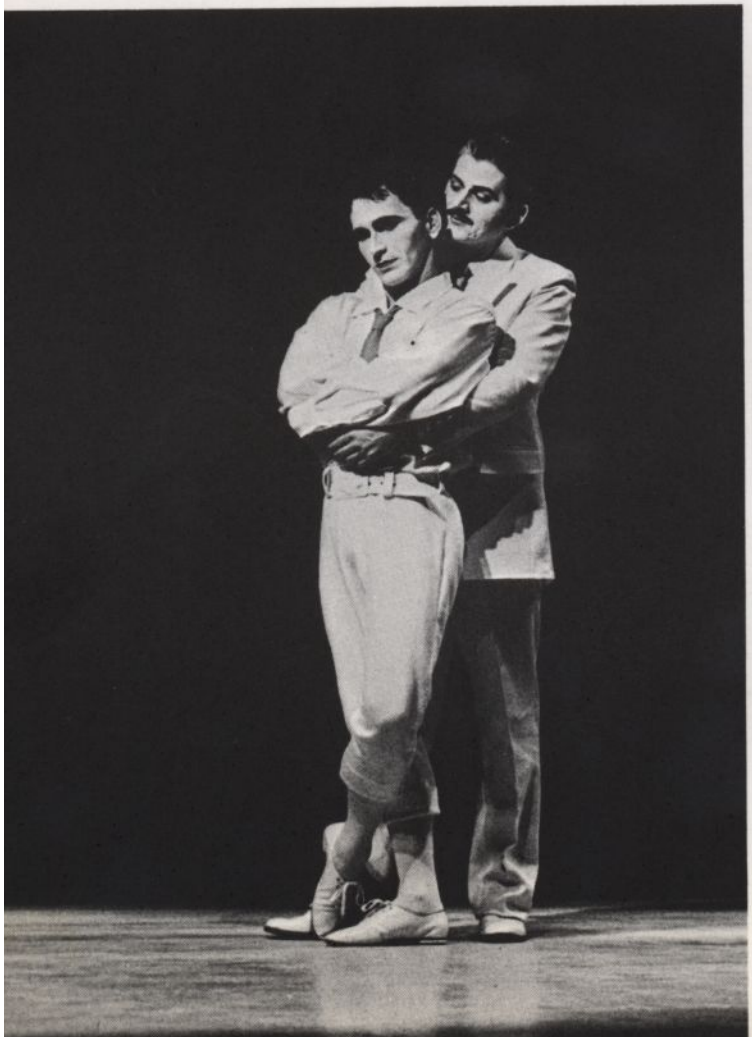


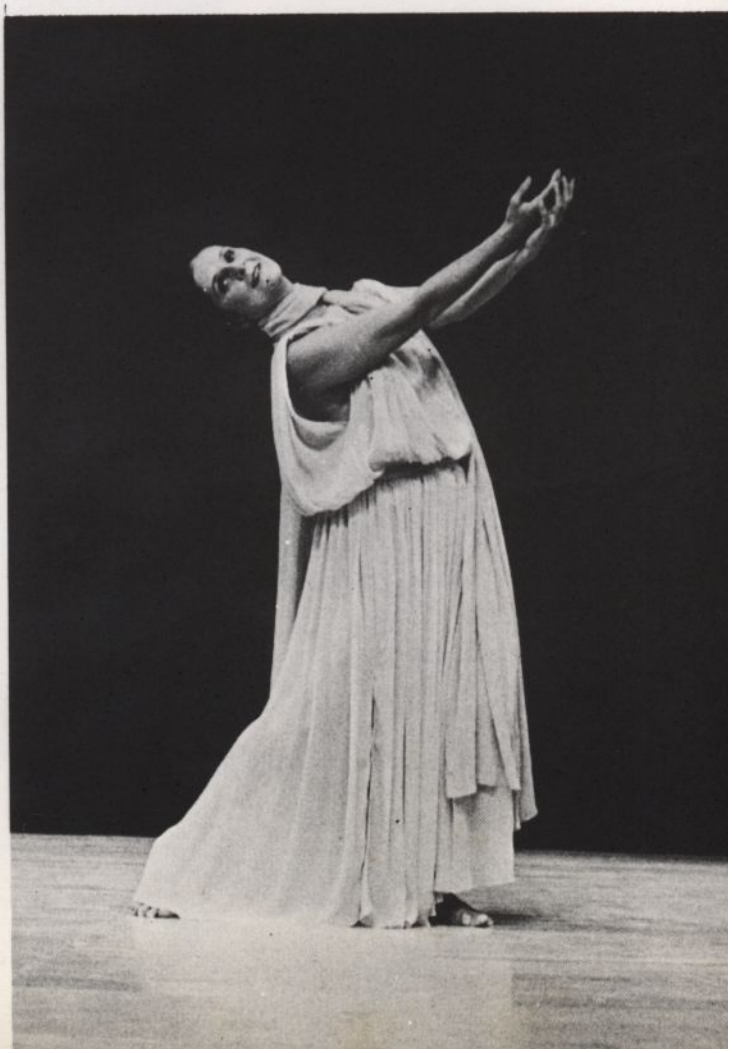
Miro

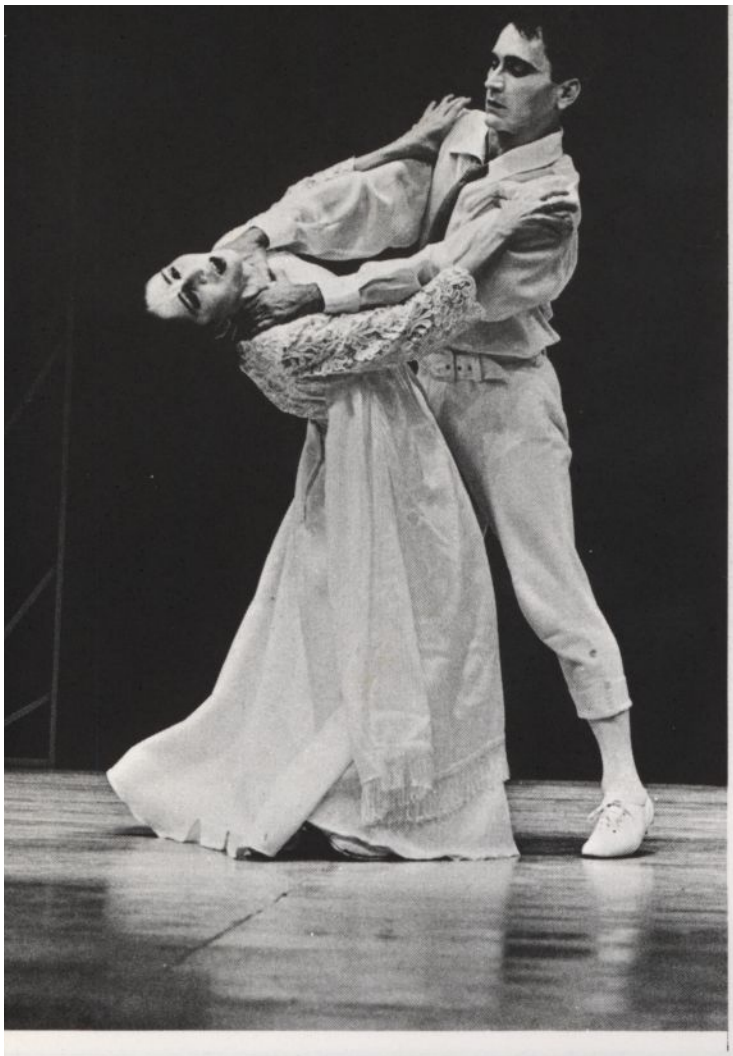
VIOLLA

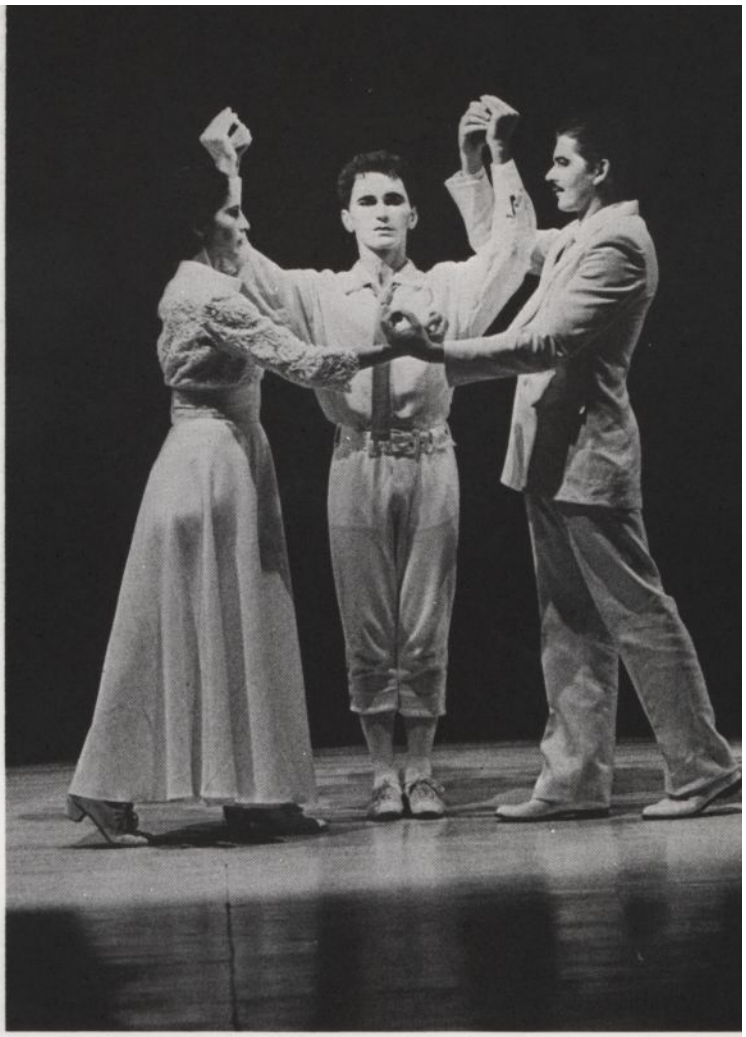
Criadores que deixam sua marca na história são poucos. Nijinsky foi um deles. Com apenas quatro coreografias, questionou os padrões do seu tempo e renovou a arte. Mesmo hoje, seus trabalhos conservam o frescor do novo.
J.C. Violla tem um papel semelhante na dança brasileira. Criou um grupo de dança em 1978, compôs três coreografias ("Senhores das Sombras", "Últimos Santos", "Valsa para Vinte Veias" e "Flippersports") e, apesar da escassez da sua produção, construiu uma estética própria.
O mérito não se reduz ao ineditismo. O melhor de J.C. Violla está no foco das suas obras. A linha que une as três coreografias é a mesma: o olhar urbano sobre as multidões. Fascinado pelo coletivo, pela maneira como a impessoalidade se torna instrumento manipulável pelo poder, seja ele de que qualidade for, J. C. Violla compôs três obras-primas.
As três nasceram sintonizadas com o Brasil e, ao mesmo tempo, jogaram a dança brasileira na modernidade. "Senhores das Sombras" cutucava a relação do homem com seus mitos, o utilitarismo descartável das religiões. "Valsa" mostrava como as multidões amedrontadas podem se tornar ameaçadoras. Como a violência branca do cotidiano opera. "Flippersports" desnudava a automação das práticas coletivas de esportes.
Os três temas continuam oportunos e o tratamento coreográfico das três obras mantém o mesmo vigor, o mesmo magnetismo capazes de mexer com a dança brasileira. Com o Nijinsky, uma produção pequena demais para sua importância. Cada vez que J.C. Violla deixa que um ano se encerre sem uma nova obra sua, aumenta sua imensa dívida para com a sociedade brasileira. Este "Nijinsky" pode ser sua moratória. Mas nós vamos continuar cobrando a continuidade de sua produção coreográfica.
Afinal, não é todo dia que surgem renovadores da arte. Muito menos, com a competência e o brilhantismo de J.C. Violla.

Helena Katz



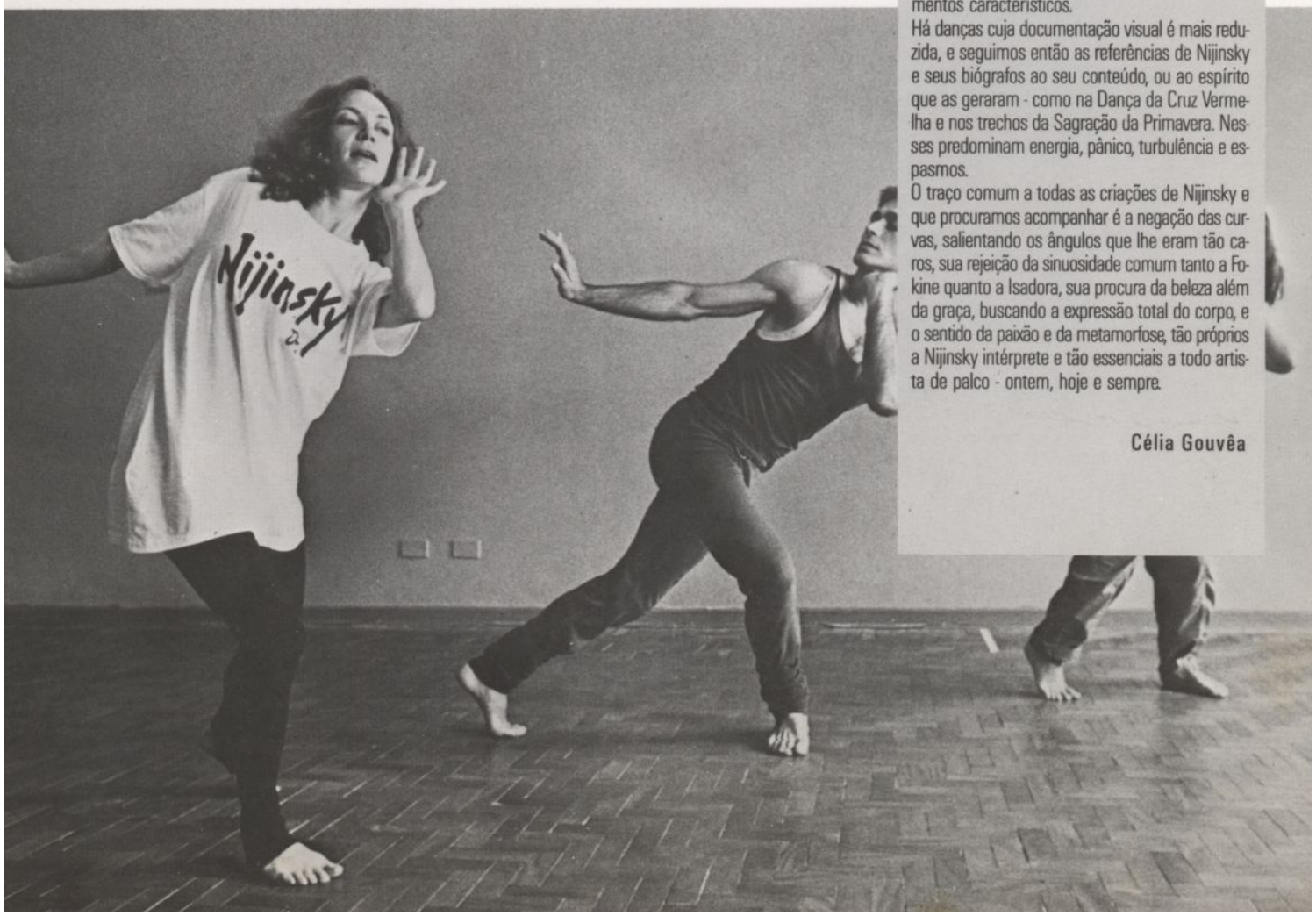






A coreografia de Nijinsky partiu de um estudo iconográfico, processando-se então a elaboração.
Algumas coreografias de Fokine, dançadas e celebrizadas por Nijinsky, mantêm-se vivas até hoje (Petruchka, O Espectro da Rosa). De Nijinsky coreógrafo restou o Fauno (l'aprés midi d'un faune). As demais perderam-se, como é o caso de "Jeux", que após oito apresentações não mais foi mantido no repertório dos Ballets Russos.
Assim, embora condensado, o Fauno que apresentamos corresponde ao original. Outras danças conservam elementos dos originais (Jeux, Scheherazade, O Espectro da Rosa, Petruchka, Carnaval). O mesmo processo seguiu a dança de Isadora, e também o Tango foi elaborado a partir de seus movimentos característicos.
Há danças cuja documentação visual é mais reduzida, e seguimos então as referências de Nijinsky e seus biógrafos ao seu conteúdo, ou ao espírito que as geraram - como na Dança da Cruz Vermelha e nos trechos da Sagração da Primavera. Nesses predominam energia, pânico, turbulência e espasmos.
O traço comum a todas as criações de Nijinsky e que procuramos acompanhar é a negação das curvas, salientando os ângulos que lhe eram tão caros, sua rejeição da sinuosidade comum tanto a Fokine quanto a Isadora, sua procura da beleza além da graça, buscando a expressão total do corpo, e o sentido da paixão e da metamorfose, tão próprios a Nijinsky intérprete e tão essenciais a todo artista de palco - ontem, hoje e sempre.

Célia Gouvêa



MÚSICAS RECRIADAS PARA AS COREOGRAFIAS

"Apenas um Coração Solitário" (canção)	Tchaikowsky
"O Entardecer de um Fauno"	Debussy
"Ária na 4ª Corda" (suíte nº 3)	J.S. Bach
"Carnaval Op 9"	Carl Weber
"Petrushka"	Stravisnky
"Sheherazade"	Rimsky - Korsakov
"Jeux"	Debussy
"Sagração da Primavera"	Stravinsky
"Valsa da Suíte Quebra-Nozes"	Tchaikowsky

CRIAÇÕES ESPECIAIS

"Tango para Rômula e Nijinsky"
"Recital da Cruz Vermelha"
"O Espectro da Guerra"

INSTRUMENTOS

Digital Sampling S-50 Roland
Polyphonic Synthesizer JX-8P Roland
Digital Programmable DX-100 Yamaha
Micro Composer MC-500 Roland

INSTRUMENTOS NÃO ELETRÔNICOS

Violões, guitarra e baixo: Paulo Tatit
Sax: Helio Ziskind

Programação de sintetizadores
e seqüenciador - Helio Ziskind

PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS:

Ná Ozzetti (vocal: "Recital da Cruz Vermelha")
Fábio Tagliaferri (viola: "Tango para Rômula e Nijinsky")

Todos os arranjos foram compostos e executados por
Paulo Tatit e Hélio Ziskind

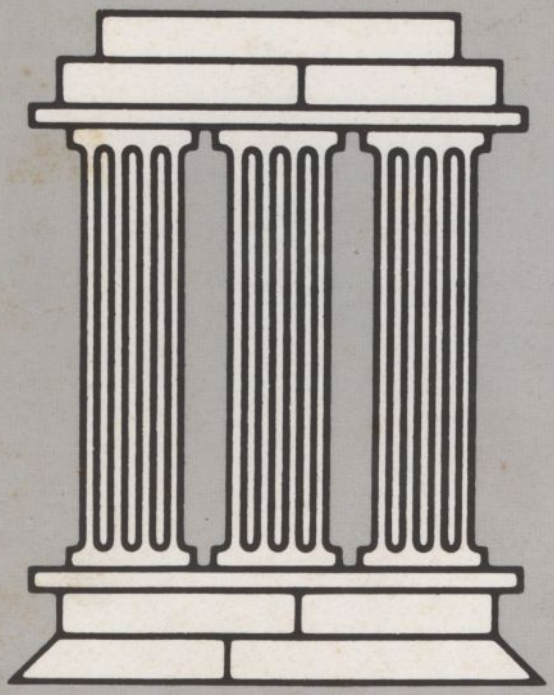
AGRADECIMENTOS

Adaury Dantas
Alberto Guzik
Antonio Carlos
Carlos Moreno
Claudia e Carlos Slinger LIQUID-SKY make up
Cristina Mutarelli
Cleide Queiroz
Gisela Porto
Gloria Kalil - FIORUCCI
Helena Katz
Ismael Guiser
Jorge Poulsem
Ivo de Carvalho
Lucas Shirahata
Pedro Milliet
Ciça Tuccori
Ladislau Brett - VILLA ROMANA
Lolita M. Rodrigues
Leda Senise/Waldir Günther e Marcela - pelo empréstimo da casa da praia do Lázaro e da chuva torrencial que me permitiram escrever "Nijinsky" - Naum
Mauricio Kubrusly
Marcia Fasano
Mario Piñeiro
Miro
Marcos Lourenço Santim - FIORUCCI
Myriam Muniz
Marcelo Villares
Marieta Severo
Maria Helena Amaral e Pedro
Maria Luiza F. DE Mello - ARAJÁ CONSULTORIA E PROMOÇÃO CULTURAL
Natanael Alves de Souza - INDÚSTRIA DE MEIAS AÇO
Ney Castro Alves - THECA S/A DISTRIBUIDORA DE TÍTULOS E VALORES MOBILIÁRIOS.
Ruy Fontana Lopez
Yoko Okada
João Cândido

As atrizes deste espetáculo usam meias DRASTOSA

FONTES DE CONSULTA / BIBLIOGRAFIA

NIJINSKY, A BIOGRAPHY - Rômola Nijinsky
THE DIARY OF VASLAV NIJINSKY
NIJINSKY: Richard Buckle
DIAGHILEV - Richar Buckle
NIJINSKY: Vera Krasovskaya
BRONISLAVA NIJINSKA / EARLY MEMOIRS - Bronislava Nijinska Jean Rawlinson
CHEZ DIAGHILEW - Serge Lifar
STRAVINSKY: André Boucourechliev
DIAGHILEV AND THE BALLETS RUSSES - Boris Kochno
ISADORA DUNCAN - Fragmentos autobiográficos
THE REAL ISADORA: Victor Seroff
NIJINSKY DANCING: Lincoln Kirstein
THE WORLD OF SERGE DIAGHILEV - Charles Spencer
LES BALLETS RUSSES - Tamara Karsavina
LES BALLETS DE MONTE CARLO - Georges Detaille e Gerard Mullys



VILA ROMANA

A VILA ROMANA PROSSEGUE COM
A SUA FILOSOFIA DE APOIO À CULTURA.
NOSSOS APLAUSOS AO ESPETÁCULO
NIJINSKY